



RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DE ESPINHO

Propriedade da A. A. E.
(Secção Cultural)

N.º 39

AVULSO 2\$00

Editor:
ARQ.º JERÓNIMO REIS

Composto e Impresso na Tip. Progresso-Espinho

Director Interino: ANTÓNIO GAIO

ANO IV • 31 DE JULHO DE 1951

NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

A Nação elegeu o Senhor General Francisco Higino Craveiro Lopes para Chefe do Estado. Dono de um nome ilustre, o digno sucessor de Carmona, promete continuar a obra de renovação nacional, iniciada por Salazar. Fazemos votos para que Sua Excelência, inspirado no exemplo de Carmona e com a colaboração de todos os portugueses, veja a sua missão coroada de êxito.

EDITORIAL

CONTRASTE

A compreensão suaviza as caminhadas mais difíceis, ampara e fortalece a vontade animada por uns olhos que, para além do sonho sabem ver nos homens a promessa de uma terra melhor, para um povo melhor.

«Rumo» — posição expressa duma juventude que quer tomar parte na construção dum futuro digno — tem afirmado bem alto, um amor limpo de quaisquer máculas, de quaisquer interesses mesquinhos, à terra que o viu nascer. Dentro duma linha de rumo bem marcada, temos lutado com as nossas limitadas forças pela realização das maiores aspirações e pela correcção de desmandos ou fraquezas. Tarefa ingrata é a nossa.

E mais ingrata se torna quando, olhando o caminho percorrido, quase só podemos ver a incompreensão, a descrença e a maldade. Animados, de longe a longe, por um sorriso amigo ou por uma palavra de confiança, travamos uma batalha constante contra um meio vencido pelo derrotismo de uma crítica desenfreada e contaminado por um conceito errado das obrigações individuais e colectivas.

Só o entusiasmo da nossa mocidade e o ardor do nosso bairrismo é que nos sustentam na primeira linha, no cumprimento da missão imposta pelo sonho que deu vida a este jornal.

Temos presente uma carta vinda de terras distantes, assinada por filhos de Espinho e que publicamos sob o título — «Depoimento».

Esta carta, estas linhas frementes de paixão, de amor à terra natal, bálsamo e chama para nós que tanto temos lutado contra a incompreensão, deram vida ao contraste.

Que diferença enorme entre a reacção vibrante de entusiasmo que nos chega de longe e a apatia que nos rodeia!

E é triste saber que essa apatia só se esfrangalha quando aparece um pequeno escândalo, uma questão mesquinha. O caso individual tem mais força que uma causa comum. Esta é a verdade. A presença do jornal sente-se apenas quando há uma posição pessoal em foco e a crítica ameaça um prestígio. De resto, pouco ou nada fica da sua leitura. A mudança das linhas da C. P. ou o Pequeno Perto de Pesca são coisas lindas para serem sonhadas.

O brio, o dever dos homens responsáveis pela continuidade, pelo ritmo iniciado há pouco mais de cinquenta anos com uma cabana humilde virada a um mar cheio de promessas, apaga-se por força das políticas inúteis e dum comodismo indigno. Vive-se na mediania, no campo raso, na satisfação de um mínimo.

O futuro exige acção e dignidade. As cinzas quase apagadas esperam o vento favorável que reanima e acende as chamas.

Continuaremos, certos de que ainda há homens que sabem ver no sonho a promessa das maiores realizações.

A. G.

DA NOVELA

LOBOS NOSSOS AMIGOS

Do Dr. Sousa Costa

Manhã indecisa, sob o dossel da neblina. E' bem um mar de rosas o que temos à vista, calmo e sonolento, canteirinhos de bem-me-queres, ali, além, num relâmpago a florescerem, a murcharem num abrir e fechar de olhos.

O *Nossa Senhora do Livramento*, prôa erguida que nem os braços do celebrante elevando no altar o cális do sacrifício, aparelhado de véspera, vai descer do varadouro. O grã-capitão, o arrais do mar, tomou já o seu posto dentro da nave. O arrais de terra, boina na cabeça e cigarro ao canto do beijo, já entoa as primeiras vozes da manobra, um troço de tripulantes a assentar na areia os bordões que hão-de servir de passadeira ao navegante.

—Eh, pró mar! Arreia! Força! —o grosso da tripulação, o Tónio no conjunto, a *Petinga*, a cadela, a seus pés, a esforçarem-se de costas, contra o cavername da ré, outros homens a sirgá-lo de proa, os cabos possantes fincados no ombro.

Assistem à largada mulheres e filhas, noivas e viúvas de pescadores, postadas em semi-círculo por trás do arrais da terra.

—Arreia! Arreia! Força, rapaziada!

O barco mete à água fervilhante de espuma. A proa alterosa corta a ressaca da praia. O cavername estremece, corpo sensível, ao abraço e volúpia da vaga. E o comandante de terra, grita:

—Agarra! Agarra! —Os tripulantes atropelam-se na abordagem da nave. Tónio impele a *Petinga* para o salto adiante dele. O comandante clama, a nave em deslize, mar fora:—Vai com Deus! Vai com Deus!

—Vai com Deus! Vai com Deus! —glosam, rezam, mulheres e filhas, noivas e viúvas, as viúvas mais em gemido de súplica do que em toada de encomendação, lembradas de certo mar de rosas, de repente volvido em mar de abrolhos, que lhes arrebatou e devorou os companheiros.

Continua na pág. 4

Depoimento

Senhor Director

Desde há muito tempo, vimos acompanhando e aplaudindo a desassomburada atitude do Rumo na defesa dos interesses da nossa terra cujo progresso é, para nós, motivo de grande e íntima satisfação. Por isso vibrámos de entusiasmo quando hoje nos chegou às mãos o suplemento ao n.º 37 do Rumo no qual se destaca o artigo «Espinho quer a mudança da linha». É esse entusiasmo que nos leva a traçar estas linhas para, como bons filhos da nossa terra, como bons espinhenses que mesmo deste lado do Atlântico não esquecem o seu dever, virmos manifestar a V. Ex.ª o nosso unânime aplauso ao que no referido artigo se diz.

Sim, senhor Director, Espinho quer a mudança da linha e os interesses da C. P. não podem sobrepôr-se aos interesses de Espinho! O contrário seria a maior das injustiças!

Na hora decisiva para tão magno problema, o suplemento do Rumo é o toque a rebate que deve congrega todos os espinhenses, vivam aonde viverem. Que todos oiçam o apêlo e bradem convosco:

«ESPINHO QUERE A MUDANÇA DA LINHA»

Pôrto Alexandre, 5 de Julho de 1951

Artur Horácio Lages da Cunha
Armando Fernandes Leite
Manuel Henriques da Silva
João Varanda
Manuel Brito



ENTRADA EM CAMPO

Espinho e a Natação

A natação é um magnífico desporto, saudável e benéfico que, por diversas razões, não conseguiu ainda assentar fortes alicerces em Espinho. Temos uma magnífica Piscina de água salgada que é perfeito ambiente para a criação do amor pelas actividades natatórias mas, salvo umas iniciativas tímidas, por desapoiadas, de Silvério Vaz, os clubes locais ignoram por completo a modalidade.

Não poderão justificar-se o desinteresse e esquecimento pela indiferença da juventude espinhense pois que é ela uma das mais assíduas frequentadoras da Piscina, onde perde manhãs e tardes inundando os corpos sádios e jovens, de sol e água.

Haverá talvez que recorrer-se ao argumento de que aos clubes espinhenses é imposta a filiação no organismo associativo do Distrito de Aveiro, não se lhes permitindo a inscrição na Associação Portuense. Com efeito a Associação de Aveiro apenas de tempos a tempos, sem método e sem regularidade, dá sinal de vida, forçando assim as colectividades desportivas a manterem-se em inactividade quase que permanente mercê da falta de provas oficiais. Mas ocorre perguntar: alguma vez os clubes locais tentaram, mediante exposição concreta e fundamentada, obter autorização para se juntarem aos seus congéneres portuenses na respectiva Associação, do que recolheriam benefícios, dadas as facilidades de deslocação e a intensa actividade de que este ano têm gozado os nossos vizinhos? Parece-nos que, salvo erro, ninguém deu ainda um passo neste sentido. Poderão objectar-nos que a satisfação desta vontade é impossível, em face dos regulamentos, mas ficaremos sempre na mesma posição, teimosa e, ao que parece, lógica, de afirmar que sem tentativas, esforço e vontade forte nada se consegue.

A Empresa proprietária da Piscina não poderão assucar-se culpas pois ela tem sido carinhosa para com os que a têm abordado, pondo-se sempre, ressaltadas as naturais precauções de quem tem responsabilidades financeiras, ao dispor dos entusiastas da Natação.

A quem cabem, pois, as culpas? Sem dúvida à inércia dos nossos agrupamentos desportivos que se têm remetido à atitude cómoda da indiferença. É necessário que se lance mãos à obra, de modo a que Espinho possa, pelo menos já na próxima época, ver os nomes dos seus clubes figurar entre os mais activos, os mais dedicados, os mais entusiastas participantes das provas natatórias.

P. M.

II Grande Concurso HÍPICO de Espinho

É nos próximos dias 18, 19, 21, e 22 de Agosto, que, organizado pela Comissão de Festas, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, se realiza o II Concurso Hípico, para o qual se encontram já inscritos a maior parte dos cavaleiros que ultimamente têm disputado provas internacionais deste género.

As provas a realizar foram distribuídas da seguinte maneira:

Dia 18 de Agosto — Provas OMNIUM 1.ª e 2.ª série;

Dia 19 de Agosto — Prova «Governador Civil de Aveiro» e Grande Prémio «Casino de Espinho»;

Dia 21 de Agosto — Prova Nacional e Prova de Caça;

Dia 22 de Agosto — Taça de Honra «Câmara Municipal de Espinho», Prova de Despedida e Prova de Discípulos.

Para este Concurso, que é o seguimento daquele que em 1949 se realizou e que tanto êxito alcançou, foram atribuídos prémios pecuniários no valor de mais de 40.000\$00, assim como 7 valiosas taças de prata.

Está Espinho de parabéns por ter ocasião de poder admirar e aplaudir cavaleiros como Helder Martins, Mena e Silva, José Carvalhosa, Correia Barreto, Henrique Calado, Marquez do Funchal, etc...

Para disputa destas diferentes provas

TÊNIS

Nos próximos dias 10, 11 e 12 de Agosto a Associação Académica de Espinho realiza um torneio de preparação para disputa de taças oferecidas pela companhia de navegação aérea Pan American World Airways. Este torneio, que será disputado por eliminatórias, reserva-se a jogadores de 3.ª categoria, e distribui-se em duas modalidades: singles e pares-mixtos. É de prever grande animação neste torneio, que servirá de preparação para o torneio da «Taça Cinquentenário», marcado, pelo calendário oficial da Federação Portuguesa de Law-Tennis, para 25 e 26 de Agosto.

Dispondo de magníficos «courts», no aprazível Parque de João de Deus, os tenistas espinhenses deveriam frequentá-los mais assiduamente, tanto mais que têm um clube — A Associação Académica de Espinho — devidamente filiado e, portanto, apto a participar em provas oficiais. Sem dúvida que torneios como os que se realizarão no mês de Agosto, trazem grandes benefícios que, no entanto, serão insuficientes se não houver contacto constante com o jogo, apurando qualidades e limando defeitos.

O ténis precisa de ser mais acarinhado para que Espinho possa voltar a marcar a posição destacada que há uns largos anos disfrutou na modalidade.

foi mais uma vez escolhido o campo ao sul do matadouro municipal e informa-nos a Comissão de Festas que estarão assegurados os transportes em camionetas, da Vila para o referido campo de obstáculos.

OLHANDO O FUTURO

A acentuada tendência para a velocidade, improvisação e dinamismo que se nota actualmente no oquei patinado, provoca, como é natural, um jogo incaracterístico repleto de choques, em que a dureza predomina e o apuro técnico é quase sempre esquecido, mas que agrada ao nosso espírito de latinos pelas fases de forte emoção que nos é dado presenciar. No entanto, quando os jogadores são patinadores medíocres e não têm uma noção exacta do que seja jogar com acerto, então toda a beleza espectacular desaparece para dar lugar a um oquei insípido em que as jogadas mal executadas são constantes, enfatizando o público que vai abandonando, a pouco e pouco, a modalidade. Tal é, infelizmente, o ambiente que se respira, no momento presente, adentro da Secção de Oquei em Patins do nosso club.

Atravessámos um período bastante difícil pois ficámos, como é do conhecimento geral, sem poder contar com o nosso grupo principal — Resende, Moraes, Gaioso, Abel e João. Foi uma sangria demasiado profunda para ser debelada no espaço de seis meses, e consequentemente, ao terminar o Campeonato do Norte vamos deparar com o cinco de primeiras categorias numa posição pouco de harmonia com o valor que sempre demonstramos em anos anteriores, mas que reflete, sem sombra de dúvida, a nossa valia momentânea na modalidade. E dizemos momentânea porque estamos plenamente convencidos de que os verdadeiros responsáveis pelas desinteligências surgidas esta época entre vários ele-

mentos da nossa Secção mais representantes a prestação de futuro a sua colaboração, olhando o Chefe da Secção, Francisco Caldeira — um elemento utilíssimo que está sempre pronto a ocupar o lugar que os outros abandonam quando se avizinha a tempestade, que devia ser mais considerado pelos muitos sabichões da mesa do café e da cadeira do barbeiro.

Francisco Resende, Armando Moraes, Cassiano Marques são três elementos necessários e que gostaríamos de ver não negar todo o seu esforço nesta hora que terá de ser arrancada para a nossa reabilitação.

Com um guarda-redes que é um valor positivo na modalidade, dois defesas — Hildebrand e Carvalhas — bastante jovens e com feitos facilmente elimináveis, e um trio avançado constituído por três rapazes novos cheios de vontade — Brandão, Barros, e Oliveira, podemos formar um cinco de futuro não desprezando nunca a colaboração de dois elementos preciosos como são Alves e Clarino. Urge, pois, iniciar imediatamente a preparação séria dos nossos representantes em futuras competições para o que é preciso, principalmente, muita boa vontade e compreensão da parte dos dirigidos e a escola por parte dos dirigentes do plano técnico-tático que melhor se coadune com as qualidades naturais dos nossos oquistas. Mais obra que o tempo escasseia e lembremo-nos do nosso lema de — Pela Académica Tudo.

Virgínio

Oquei em Patins

O Campeonato Regional de Oquei em Patins terminou finalmente e deixará para a Académica muito más recordações. Não queremos alongar-nos em apreciações sobre o comportamento dos nossos atletas que virá a fazer-se brevemente, nem esse é o nosso objectivo actual. Vamos apenas relatar, para conhecimento de todos, o que se passou no Rink da Senhora da Saúde, nos Carvalhos, quando ali se deslocou a Académica para disputar os últimos jogos do campeonato de reservas e 1.ª categoria.

Depois de um jogo de reservas um tanto ou quanto «quente», defrontaram-se as equipas da Académica e dos Carvalhos, em jogo decisivo para o penúltimo lugar da classificação. Durante toda a primeira parte, que terminou com o resultado favorável para os nossos de 3-2, o guarda-redes Ramalho procurara intimidar o avançado Carvalhas, ameaçando-o e tentando atingi-lo com golges ilegais. Havia cerca de 35 minutos de jogo, o árbitro expulsou Alfredo por 3 minutos. Poucos segundos passados, numa jogada na grande área dos locais, Ramalho procurou, não obstante a oposição leal dos seus colegas e adversários, e conseguiu agredir Carvalhas que, desequilibrando-se, caiu. Estava este jogador a tentar levantar-se quando Alfredo ainda a cumprir o castigo que lhe fora imposto pelo árbitro, entrou no rink e, selvaticamente, agrediu, com pontapés nas costas, o nosso atleta que ainda se não levantara. A violência da agressão foi de tal ordem que Carvalhas ficou estendido no terreno, quase sem sentidos. As praças da G. N. R. que entraram no rink logo após a agressão de Ramalho, evitaram que entre a assistência se levantassem atritos enquanto que o árbitro, perante as atitudes verificadas se viu forçado a suspender o jogo.

ACTIVIDADES DA A. A. E.

Oquei em Patins

Acad.-Sanjoanense (Princ.) 4-1
Acad.-E. Livre (1.ª) 3-0
Acad.-Infante (1.ª) 3-10
Acad.-Infante (Res.) 1-7
Acad.-Paredes (Inf.) 0-1
Acad.-Paredes (Princ.) 11-0
Acad.-Vigorosa (1.ª) 4-4
Acad.-Vigorosa (Res.) 4-3
Sanjoanense-Acad. (1.ª) 14-0
Sanjoanense-Acad. (Res.) 6-1
Carvalhos-Acad. (Princ.) 0-2
Vigorosa-Acad. (Princ.) 5-1
Carvalhos-Acad. (Res.) 6-2

Voleibol

Nun'Alvares-Acad. (1.ª) 1-3
Acad.-Académico (1.ª) 3-0
Acad.-S. Roque (1.ª) 3-1
Acad.-F. C. Porto (1.ª) 3-2
Acad.-F. C. Porto (R.) 3-0 (w.o.)

A Académica fez o seu necessário protesto junto da A. P. N. a quem está entregue a solução do problema na parte desportiva, ao mesmo tempo que o Comandante do Posto da G. N. R. dos Carvalhos fazia à Polícia Judiciária a respectiva participação dos incidentes. O jogador Carvalhas, fortemente combatido, teve que sofrer exame médico, sujeitando-se, depois a exame radiológico que, felizmente, nada de grave acusou.

Aguardemos serenamente a sequência do processo judicial e desportivo, a cargo dos Tribunais e da A. P. N. Quanto a esta confiemos que a sua acção punitiva iniba os praticantes maus praticantes, (diga-se em parênteses) Ramalho e Alfredo useiros e vezeiros em deslealdades, incorrecções e violências, de estragar, pelo seu fraco comportamento uma modalidade simpática que vem conquistando, gradualmente, um acréscimo de entusiastas.

Como é de justiça, não podemos deixar de vincar que os directores do Oquei Clube dos Carvalhos e os seus restantes jogadores se revoltaram com as atitudes indignas dos seus dirigidos e colegas, o que oficialmente patentearam à Direcção da Associação Académica de Espinho.

31-7-51

DO DIA A DIA...

A Pan American em Espinho

A Pan American vem a Espinho num «voo» de amizade e de propaganda da eficiência e das possibilidades que os seus serviços oferecem.

Assim, por intermédio do seu Agente local, o Sr. Armando Ramos, vamos ter o prazer de assistir a uma festa encantadora.

Numa prova de interesse pelas coisas do Desporto e para dar maior âmbito às suas intenções, a Pan American oferece duas taças «Clipper» que serão disputadas num torneio de Tênis organizado pela Associação Académica de Espinho e integrado nas Festas de Verão. Os vencedores do Torneio receberão os troféus no intervalo da sessão de cinema de propaganda que se realiza no próximo dia 14, no Salão Nobre da Piscina Solário Atlântico.

Piscina Solário Atlântico

A maioria dos espinhenses ao olhar a Piscina não sabe ver o seu valor inteiro no plano local e, muito menos, no plano geral na apreciação dos valores do Turismo nacional. A grandiosa obra é bem o melhor emblema da vida turística desta praia. E, sendo assim, temos o dever de acarinhá-la e o esforço daqueles que mantêm de pé essa obra, colaborando de várias maneiras. A colaboração pode existir desde a frequência constante e amiga até ao pequeno gesto perante aqueles que desconhecem as regras mínimas a observar em defesa da água límpida que é de todos.

E, já agora, falando na frequência constante e amiga, não queremos deixar de chamar a atenção para o facto de se poder adquirir uma acção e, com esta, todos os seus direitos por 1.000\$00. Sabendo-se que essa acção pode ser paga em 5 prestações mensais, criando-se enorme facilidade de pagamento, fica a certeza da boa oportunidade que a gerência da Piscina oferece.

Aqui está uma das melhores maneiras de defender essa grande obra que bem pode ser o nosso orgulho. A compra de uma acção da Piscina será a demonstração do amor aos valores da nossa terra.

Postais de Espinho

Elementos de grande projecção na propaganda de uma terra, os postais ilustrados deviam merecer os maiores cuidados, afim de evitar uma visão falsa da realidade. Por nosso mal nem sempre tem sucedido o melhor.

A «Casa Sousa», papelaria e livraria, quiz remar contra a maré, e atingiu satisfatoriamente as suas intenções. No entanto, ainda há muito a fazer.

Os nossos aplausos à «Casa Sousa» por aquilo que está feito e os nossos agradecimentos pela colecção de postais que nos enviou.

Colégio de S. Luiz

Este colégio da nossa terra, elemento valioso para o seu desenvolvimento, através da educação dos homens que não-de continuar a obra de hoje, acabou mais uma época de actividade com os melhores resultados.

Embora em férias, avizinha-se a preparação da época futura e por isso somos a informar que as **inscrições dos alunos terminam em 30 de Setembro**, nos cursos Primários, geral dos Liceus, Comércio e 6.º e 7.º ano. Depois daquele prazo a inscrição está sujeita a multa.



FABRICA MODERNA DE
CARPINTARIA E MARCENARIA

— DE —
José Augusto da S. Quintas
Telefone 59 ESPINHO

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



...o cartaz afixado numa das montras dum estabelecimento ao fundo da rua 19, de renome consagrado, merece as honras de um «primeiro prémio»...

...o talentoso ornamentador das montras do «Rei dos Chapéus tirones» aplicou os seus méritos artísticos naquelas montras do extremo da rua 19...

...o homem do «Sonho e Realidade» é o Marcos Português...

...isso se prova pela crítica aos nossos colegas Terríveis...

...o Marcos está mesmo a querer, como o seu colega «Orestes»,

colaborar em «Os Ridículos»...

...um grupo de médicos vai examinar a delicada «cabecinha» do «Marcos» a fim de classificar o sistema de cristalização...

...se vai tentar disfarçar o mau aspecto das casas daquele «quartirão fantasma» que domina a parte central da praia...

...o anúncio luminoso do Palácio Hotel está em férias...

...as Corridas de Bicicletas motorizadas, em Espinho, estão enguiçadas...

...já devia haver a experiência necessária afim de evitar «falanços» estrondosos...

ERSATZ, licenciado em harmonia doméstica expõe o seu ponto de vista sobre:

O que acontece

Quando o homem casa

Porque razão, e apesar de tudo, o homem continua a casar é um problema ainda não resolvido pelos sábios. Suponho que, até mesmo na Austria — a pátria da psicanálise — a questão ainda está para ser debatida no primeiro Congresso dos Homens-Casados.

Realmente, sendo o homem e a mulher tão diferentes sob diversos aspectos — o homem, por ex. raciocina — a união entre ambos chega a tomar um aspecto paradoxal.

Até certo ponto, este assunto faz-me lembrar, muito exactamente aliás a propaganda das agências turísticas ou de viagens. Aí, você se extasia, por ex. diante dum cartaz polícromo e sugestivo, onde, a par de deliciosas garotas em fato de banho, brincando numa praia de recorte tipicamente edénico, poderá ler: «Visitem a Encantadora Miami;» acontece, porém, que só 15 dias depois de lá estar, V. deduz que o tal cartaz devia também anunciar: «mas primeiro, vacine-se preventivamente contra a varíola ou o tifo e não se esqueça de fazer um prévio tratamento anti-sifilítico.

Caricaturistas e humoristas, de há muito já que ridicularizaram o matrimónio em si, cujo maior inconveniente, e à parte os 15 dias iniciais, é o de nos revelarem fria e calculadamente, o quanto um homem vai gradualmente ficando menos homem, e a mulher, assustadoramente mais mulher.

O facto, porém, permanece, e certo é que, todas as mulheres — ou quase — continuarão levando todos os homens ao matrimónio, do mesmo modo que, quinze dias depois (depois do matrimónio, claro) o consegui-

rão levar ao cinema a ver «o melhor filme nacional já mais feito; o único que fala ao coração do nosso povo», quando a vontade dele seria bater uma boa soneca de papo para o ar, ou discutir um pouco de política com os amigos.

E não adianta nada refilar, caro leitor, pois apenas conseguirá que o filme lhe pareça mais nacional ainda. E' porém evidente, que se o infeliz marido, por qualquer razão que não vem para o caso, estiver mesmo com interesse de ir ao cinema ver essa estopada ou qualquer outra, então poucas probabilidades lhe restarão de não ir roncar o resto da noite, num «fauteil» do S. Carlos, ante a pasmosa indiferença de sua esposa.

Uma das «habilidades» mais extraordinárias que conheço às mulheres, é aquela de, sempre que saem à rua, com os maridos, serem invariavelmente surpreendidas pela chuva, à porta do tal armazém, onde existe aquela criação de Charles Fath, e que ela cobiça desde solteira. E' claro que, enquanto se abrigam da «maldita chuva», sempre aproveitam para dar uma volta pelas diversas secções do referido armazém. Mas aí, o marido se sente espiritualmente, mais confiado pois acha-se bem apoiado pelos caixeiros, caixas, «boys» e o gerente inclusivé, que sabem tão bem como nós, como uma mulher se comporta ao entrar numa loja. Elas nunca compram coisa alguma; todavia têm um prazer diabólico em passar o dia examinando fazendas, pedindo esta e aquela marca de perfume, revirando meias etc., escudadas sempre pelo tal edital que o vendedor é obrigado a decorar:

Exposições de Arte

Antero Leal

São sempre úteis e agradáveis as exposições de Arte. Em Espinho, de vez em quando surge um artista a dar-nos conta de seus labores, e pena é que o facto se registre com tamanhos intervalos, pois quadrariam ao movimento da nossa terra, e ao seu nível de cultura, mais amplas demonstrações de carinho por tudo aquilo que paire um pouco acima da vulgaridade material de todos os dias.

Desta vez aparece-nos Antero Leal, que expõe no Café Palácio umas dezenas de trabalhos muito curiosos e dignos de serem vistos. Trata-se duma exposição modesta, mas equilibrada, em que se salientam os desenhos à pena e algumas aguarelas que se olham com agrado e simpatia.

Não teve em mira o autor desta exposição, certamente, obter resultados materiais por aí além, mas pode orgulhar-se, ainda assim, do interesse que despertou entre o nosso público e da venda de vários trabalhos seus, o que prova ser Espinho um meio onde os problemas do espírito são carinhosamente acolhidos e amparados.

Antero Leal pode dar-nos mais, e melhor, e parece-nos que se quizer dar-se ao trabalho de fazer umas dezenas de caricaturas de tipos conhecidos entre nós — modalidade em que mais gostamos do artista, maior êxito poderá obter numa futura exposição.

De qualquer maneira, o Café Palácio tornou-se mais atraente, mais digno da nossa simpatia pelo acolhimento dado à modéstia de Antero Leal, a quem felicitamos vivamente.

* * *

Neves e Sousa

Vamos ter o prazer de apreciar alguns trabalhos deste pintor, na casa de móveis de Alberto de Sousa Reis, na rua 19, durante a segunda quinzena de Agosto.

Nesta exposição estará presente a sensibilidade artística de alguém que nasceu em Africa e ama a sua terra e as suas gentes. As cores quentes, prenes de força, da terra escura que ama os negros e os esbatidos suaves e misteriosos que nascem duma Natureza virgem, vivem nas aguarelas de Neves e Sousa.

Desejamos ao amigo e artista distinto o melhor dos êxitos.

Mauricius

Sê bom assinante do
"RUMOR"
angariando assinantes

«o freguês tem sempre razão»... mesmo quando o freguês é uma mulher.

E, além do mais, V. já imaginou, caro leitor, que há possibilidades, para uma mulher que tenha a duração média normal de 70 anos, de esta vir a conceber cerca de 93,6 filhos? V. já imaginou o que serão 93,6 filhos em conjunto, pedindo dinheiro para rebuçados, cigarros e fins mais ou menos inconfessáveis?

E a terminar, fiquem sabendo, caros leitores, que em 22 anos de observação atenta examinei cerca de 1.432 casos de matrimónio, tendo apenas encontrado, um único marido que nunca se arrependeu de haver contraído casamento.

...E isto porque, manda a verdade que se diga, a mulher morreu 2 meses depois de casada, deixando-lhe uma renda anual de cerca de 200 contos.

LOBOS

Nossos Amigos

Continuado da pág. 1

Como se respondesse à encomendação, o Sol, rompendo de terra, para que o Nossa Senhora do Livramento vá com Deus, abre no mar de rosas, fulgida avenida de estrelas, os remos, esses, picando a via ondulada, a dispararem raios contra os olhos que lhes seguem na esteira.

No regresso da nau pesqueira a terra o quadro transfigura-se. O relógio da Matriz contou já as quatro da tarde. O sol desfaz-se em constelações no colo preplexo das vagas que se espreguiçam ao perto e ao longe. A praia volve-se em terreiro de arraial colorido — em honra e louvor da Sardinha, deusa do mar de Espinho.

O pendão, erguido no teso da duna, anuncia barco à vista. Descem à costa as juntas de bois consignadas ao arrasto do barco e redes. E torna-se mais densa do que o peixe na água a gente de estirpe vareira que formiga na areia, pescadores e «mercantelas», as «mercantelas», daqui a pouco, mercada na lota a mimosa sardinha, a bailarem de rua em rua, canastra à cabeça, a saía a bailar com a chinela, cantando em dó de peito:

—Vivinha da Costa! Espinho viva!

O Nossa Senhora do Livramento aproxima-se. Andor da padroeira, já se abeira da turba dos fieis. Já bate a quilha contra a borda do areal. Os homens do mar saltam à praia. Não tarda nada que cinco juntas de bois comboiem o paquiderme, sempre de tromba erguida, o arraial de terra a clamar, a matraquear:

—Eh, boisinhas! Eh, boisinhas! Arriba! Arriba!

Vibra no ar salino reconfortante frémio vital. Vareiros e vareiras, moços e velhos, sacodem os braços, retesam os músculos, em ajuda simbólica à manobra dos bois de arrasto.

O André arfa, especado na duna. A Célicas, a arder por dentro e por fora, olhos a alumiar a Deus, que foi e veio com o Tónio, é toda ela um oratório em acção de graças.

Até as gaiotas cooperam na função. Giram em roda. Piam de contentes. E, bico para baixo, olho à esquerda, olho à direita, fiscalizam a safra, não vá perder-se peixe tresmalhado da rede.

Mas o arraial dobra os trâmites do delírio no auge do advento «saco», terminus da rede de arrasto.

Ao longo de duas horas laboriosas as juntas bailaram os Lançeiros, para diante, subiram e desceram o areal, arrastando e largando os cabos, seis juntas, em fila, a cada um dos cabos encambados à armação. A rede anuncia-se pelas balizas, boias de cortiça que lhe sinalizam o trânsito. A turba despenha-se sobre a horda de água. Surge o «saco», carapinha negra trepidante de vidas, milhentas convulsões de morte a bem da vida alheia. E se o «saco» regorgita de



O MARCOS...

Quando escrevemos para o nosso último número o articulado em que verberávamos a insensatez, deselegância e pobreza de espírito do rabiscador da cega-rega do acto de variedades do sarau da Misericórdia, tínhamos uma muito profunda suspeita de que estávamos a atacar nada mais nada menos do que o senhor Marcos Portugal, luminar do jornalismo local, onde tem feito das suas. O número 1008 da «Defesa de Espinho» veio provar que não nos enganávamos e que a suspeita era mais do que fundamentada. Sua Excelência o Marcos ressuscitou e toca de, sem explicar o motivo das suas afirmações, meter-se conosco, alcinhando-nos de críticos de «água doce». O criador de uma brilhantíssima galeria de tipos de «A Nossa Sociedade», tais como a Helena, o Chiquinho, a Tótó e os seus progenitores Pires, os Anastácios, o Luizinho, o Malaquias e o Salústio, émulos perigosos de quantos tipos têm sido criados pelos mais destacados escritores do nosso reduzido firmamento literário, acusou-nos de tomarmos ares insolentes de estrategos ou técnicos consumados, de tentarmos impingir aos outros aquilo que os nossos cérebros obtusos não conseguem vislumbrar, comparando-nos, como é muito do seu gosto, à gralha que pretendeu passar por pavão.

Pobre Marcos, com quem te foste meter! Porque não te reduziste à insignificância? Porque não te deixaste ficar nas tais ter-

fatura, o delírio apossa-se da grei faustosa, toda ela a saltar, a assobiar, a gritar, a agitar chapéus, a fraldejar lenços.

Célicas debruça-se do «saco» aberto, turbilhão de prata viva, pontilhado de esmeraldas e rubis, nos estertores da asfixia. Mas, ao debruçar-se, estremece — chofrada por certo sorriso, talvez de mofa, parece de vingança, do Janeiro Veiros, rapazola vareiro, de copiosos teres e haveres, que lhe não larga a sombra. Estremece e dispara ao encontro do Tónio, como que a rogar ao namorado bálsamo para ferida que lhe sangra o coração. Nem quere saber da lota que começa.

—Quem dá mais?— repisa já o leiloeiro, nos pregões da lota a apontar cardume de sardinha nas palpitações dos últimos suspiros.—Duzentos escudos! Quem dá mais?—as «mercantelas», canastra debaixo do braço, a botarem seus lanços, esta mais dois, aquela mais cinco escudos; a senhora Joana do Risco, Joana d'Arc destas batalhas pesqueiras, um pedaço de mulher, com esbelteza e decisão em que assentam bem todos os triunfos, a dobrar os lanços de fio a pavio.

mas celebradas onde passaste prolongadas férias? Porque deixaste a tua delicadíssima cabecinha de dolocéfalo atacar os cérebros obtusos? Não sabes, pois não? E' que és um pobre de espírito, um tipo com fumaças de valente e íntimo de «menino de coro».

Lembras-te, por certo, que ao atacar-te a Marília de Sá—outro dos génios jornalísticos do nosso concelho—por usares pseudónimo lhe disseste, nem mais nem menos que: «... increpa de forma quase agressiva o Marcos Portugal, por este usar pseudónimo, quando ela, coitada, não passa duma pseudo-Marília de Sá.»? Pois utiliza agora em proveito próprio essas palavras já que não te furtaste a criticar-nos o anonimato terrível. Nesta secção, os artigos são publicados sob anonimato por razões de ordem interna mas—e o director não nos passou procuração—ninguém se exime da responsabilidade que lhe possa advir por qualquer crítica menos justa ou menos honesta. Quando criticamos, fazêmo-lo com isenção, honestidade e conhecimento das realidades, procurando ser objectivos e nunca usando de subterfúgios indignos como os que utilizas para «queimar» uma sociedade que dispensa o teu convívio por te conhecer as manhas.

Nós sabemos muito bem que vogas no mar dos sonhos, julgando-te importante, intangível, insuperável, génio, e, por isso, usas os mais dispare pseudónimos, esquecido de que pelo dedo também se conhece o anão. Mas a realidade é muito outra: não passas de um insignificante, vulnerável, rasteiro, vulgar rapazinho mal saído dos calções curtos da infância, adolescente atrevido e vaidoso. E's, afinal, um «coiso da nossa sociedade»!...

Visado pela Comissão de Censura

NOVO COLABORADOR

Albano Neves e Sousa, pintor de méritos reais e intelectual dos melhores, começa, neste número, a colaborar nas páginas do nosso jornal. Assim, os leitores do «Rumo» vão ter ensejo de tomar contacto com uma forte personalidade artística entregue ao encanto e ao mistério das coisas de África.

MÓVEIS E DECORAÇÕES

A. BARBOSA DA FONSECA & F.^o

FUNDADA EM 1839

PORTO

SEDE: R. FERREIRA BORGES, 29 - TEL. 22002

RONDA

Os banheiros, esses homens que vivem da feitiçaria do mar irrequeto, da areia amiga e do sol de verão, são os principais obreiros do colorido e do encanto da estética de uma praia.

Há muitos anos, desde o tempo dos primeiros banhos de mar amparados por braço forte e amigo, que acompanhamos e vivemos o entusiasmo dos dias de grande animação. Temos assistido aos cuidados e ao carinho que põe no arranjo da praia, na ânsia de captivar a gente que procura a saúde e a alegria.

Assim, desde as barracas a outros pormenores, tudo tem conhecido disposições diversas, na preocupação de se fazer melhor. E se nem sempre houve a unidade precisa de esforços ou falharam as intenções foi porque a fraqueza e a incapacidade puderam mais que o brío e o amor à terra. Mas, a culpa das faltas cometidas não recaem só nos banheiros. Estes precisam de ser orientados por entidades de maior responsabilidade nas coisas que estão ligadas ao turismo.

Uma nota discordante que feria o bom gosto e o asseio mereceu, este ano, a atenção das entidades superiores. As barracas de arrecadação, construídas em madeira, estragavam o bom conjunto. Impôs-se a construção de outras e elas apareceram segundo desenho ou sugestão de quem mandava. Mas, a realidade estragou a boa intenção pois as barracas construídas, autênticas casotas com portas, janelas e... vasos, sendo uns mamarrachos, prejudicam a estética da praia. Dentro daquelas dimensões, até com o mesmo número de janelas e portas, podia ter-se feito obra digna.

A culpa não pertence aos banheiros mas sim a quem tem a obrigação de orientar e guiar adentro dos melhores caminhos. Lamentamos a falta de gosto e, já que não podemos fazer mais, aconselhamos o exemplo dos banheiros números oito e nove. Com a preocupação de fazer melhor conseguiram alegrar e alindar aquilo que é tristonho e feio.

Galeria de Figurões

IX



Eu não sei se em Portugal
— Teóricamente falando —
Existe ontro EMPATA Igual,
Que empata, teorizando,
E teorisa, treinando
A catralhada local!

Al meu Deus, o que ele faz
A jogar a «bonécada»
Com as farroncas dum «az»
Em teoria pegada!...
— Diz que faz tudo e desfaz,
Quando, afinal, não faz nada.

Mas é FIXE... e é BÔ RAPAZ...

Arbitra com teorias
Que arranca dos calhamaços...
Teorisa as noites e os dias...
Teorisa a luz dos espaços
Só para dar energias
Aos desportistas madraços!

Tem uma história engraçada,
Mas contá-la era um acinte...
— Val, só por isso, esboçada:
Teve uma nota de vinte
Avaramente guardada
Com volúpia e com requinte...

Mas não dizemos mais nada!...

Zé Pacato



Luzes da Cidade

E

CIDADE SEM LUZES

«Luzes da Cidade», há pouco reexibido, foi o meu primeiro contacto sério com Charlot. Evidentemente que antes já vira muitas películas desse artista (incluindo aquelas de duas partes, exuberantes de pratos partidos e escorregadelas), mas apenas me interessavam nelas os aspectos cómicos ou, quando muito, entusiasmava-me com a vaga filosofia de «O Ditador» e «Monsieur Verdoux». Estou portanto, até certo ponto, isento daquele saudosismo que, de todas as vezes que um filme de Charlot é anunciado, vem inevitavelmente à baila nas críticas, nos espectadores e na publicidade. Subsiste antes em mim uma espécie de respeitosa admiração, não sei até que ponto fruto da opinião de tal ou tal crítico, desta ou daquela história de cinema onde a frasezinha incisiva e o mais possível definitiva sobre Charlot lá vem, dogmática.

Um as notas sobre Luzes da Cidade.

O filme, no fim de contas, é uma série de episódios determinados ou por considerações puramente cómicas (o do assobio, o jogo de box) ou por intenções de simbolismo e sátira (a inauguração da estátua). Daqui, que a linha argumental seja função do cómico ou do simbólico, e não só a linha argumental mas também a personagem. Se, por exemplo, nos romances de Dostoiéwsky o incidente serve a personagem, aqui a personagem e o incidente servem uma intenção, são determinados. E assim a personagem, mercê do simbolismo, torna-se boneco. Então, a característica mais evidente da película é o que se poderá chamar «esquematisação» — esquematismo de acção, personagens e ambientes. Por tudo isto o processo de City Lights, na essência, teatral.

A câmara, mesmo, nunca é creadora. Aproxima-se do actor e, captando-lhe toda a expressão, por mais fugidia, cria-lhe um novo volume, dum poder de comunicação que o teatro não pode alcançar. E o que resulta é pois, o trabalho do actor que, dadas as possibilidades mais amplas da objectiva, se move num espaço menos limitado e, ao mesmo tempo, rico de ângulos — donde a enormidade de sugestões, de movimentos, de variantes.

Pelas mesmas razões — aumento do campo visual (melhor, decomposição do campo visual) e do campo expressional — o monólogo atinge proporções novas. Recordo-me, a propósito, em «O Ditador», do discurso de Charlot naquela linguagem de «feito»; do monólogo de «Hamlet», do monólogo inicial de Spencer Tracy no «Pai da Noiva».

O filme de Charlot é sátira, rasgada de quando em quando por a melhor colaboração da Câmara Municipal, que nos tem animado a irmos para a frente. Pensamos até num albergue para os velhos que não tenham família,

doses admiráveis de humanidade. Não esquece, por exemplo, a expressão final do artista, quando reconhecido pela florista, como não esquece mais, na «Quimera do Ouro», a máscara de desencanto, de abandono e de angústia de Charlot junto à porta da cabana, enquanto lhe chegam, quase apagados, canticos que lhe falam de juventude e de esquecimento dos velhos, como não esquecem os rostos lassos — de que as tintas procuram afastar o cansaço — dos que cantam, e sobre os quais a canção pesa. São estes, quanto a mim, os pontos máximos das duas fitas.

Regressando a Luzes da Cidade. Quase se pode dizer que Charlot é o único «ser vivo» do filme. E' símbolo, mas isto em segundo lugar. E se o simbolismo se não descobre «apesar do personagem» e toma, antes que este, o primeiro plano, a obra perderá em interesse humano o que ganha em tratado de moral — e isto é outra história.

Acrescentada a sugestão espantosa da mímica (lembram-se da «dança» com o soldado do «Ditador», e aquela «brincadeira» com a «bola do mundo?»), que chega a transformar cenas em pura pantomima, o poder expressivo do gesto, fico por aqui.

Isto talvez baste para apontar duas características essenciais de Charlot — a mímica simbólica (que às vezes é extraordinário ballet) e a humanidade profunda de certas expressões (e Charlot aqui vai muito mais longe que o símbolo fácil). Não se vá, porém, separar estas duas características. Muitas vezes elas interpenetram-se.

* *

O assunto das modernas tendências do cinema americano — cito, ao acaso, Mark Robson, Robert Wise, Dassin e até um confronto com as correntes literárias que desde Dreyser até ao nevoeiro de Faulkner a América vem impo- do, daria interessante e longa matéria para mais dum artigo. Como me faltam, agora, tempo e elementos para o tentar, vou limitar-me a falar de Jonh Huston e do seu último filme exibido entre nós: «Asphalt Jungle» (Quando a cidade dorme).

Os heróis de Huston — às vezes tristes heróis — que as circunstâncias reuniram, são submetidos à tensão dum acontecimento ou série de acontecimentos que lhes quebram o «ritmo» normal, os «abanam» — e a câmara, impiedosamente, aproxima-se deste campo emocional, foca ora um ora outro dos heróis, numa economia notável de cenas, numa forma incisiva — tão incisiva que se espera sempre alguma coisa do seu movimento. A tensão aumenta à medida que o filme passa. E, já que estou com termos eléctricos, não será impróprio falar de «alta tensão» a propósito dos filmes de Huston.

Em «Asphalt Jungle» — como em Sierra Madre, como em «Key

Continua na pág. 8

Continua na pág. 7

Problemas de Assistência

UMA ENTREVISTA

Recentemente foi empossado no cargo de Presidente da Comissão Municipal de Assistência o senhor Padre José de Pinho, Pároco da freguesia de Anta. Qui- semos saber qual o seu programa de trabalho e bem assim o que pensava sobre o que se tem feito em Espinho no campo da assis- tência aos necessitados. Para isso solicitamos-lhe o favor de nos conceder uma entrevista, ao que gentilmente acedeu. Elaborado um questionário obtivemos as respostas que vão transcritas.

1.ª — Tem a C. M. A. receitas suficientes para manter um auxílio eficiente às instituições locais de assistência?

R. — Infelizmente não tem. Faz o que pode dentro do seu orçamento. Pensa, porém, em- pregar todos os esforços junto dos organismos e entidades superiores, que têm obrigação de a ajudar, a fim de elevarem, tanto quanto possível, os subsídios que já costumam dar.

2.ª — Quais as instituições mais necessitadas de auxílio?

R. — Todas elas necessitam; mas há três que esta Comissão desejaria ajudar mais, pelos benefícios que prestam aos pobres do nosso conselho: a Misericórdia, a Cantina Zulmira Dias e o Patronato da Divina Providência.

3.ª — Qual a colaboração que

a C. M. A. pode prestar à S. C da Misericórdia na obra de cons- trução do seu novo Hospital?

R. — Para esta obra pouco ou nada a C. M. A. poderá fazer: primeiro porque não tem receitas que lhe permitam dar qualquer auxílio, e em segundo lugar por- que são tantas as necessidades a que, pelo seu estatuto, tem de atender, que de modo algum pode pensar nisso.

4.ª — Havendo grande número de necessitados em Espinho, como encara a C. M. A. o seu problema? Ouvimos que vai ser reorganizada a O. P. P. E. Qual o sistema de trabalho?

R. — Encaramos este proble- ma em toda a sua realidade. E' preciso dar aos pobres alimento suficiente, roupa para vestir e casa para viver. Só depois, a meu ver, deverão os pobres ser proi- bidos de mendigar. Sem este mínimo indispensável à vida, é uma injustiça proibi-los de pedir. Pensamos e trabalhamos já na organização da O. P. P. E., cujos estatutos já aprovamos. Iniciámos os trabalhos prepara- tórios para esta obra que será uma realidade se for aceite e compreendida pela população de Espinho, como deve ser, e, pelas entidades interessadas nestes problemas, formos ajudados. Sabe- mos já que podemos contar com

22002

Colégio de S. LuísCURSO GERAL E COMPLEMENTAR DOS LICEUS
E ADMISSÃO ÀS UNIVERSIDADES • INSTRUÇÃO
PRIMÁRIA E CURSO COMERCIAL

Telefone 60 • ESPINHO • Apartado 8

CAFE LUGILCompletamente remodelado e
ampliado com novas instalaçõesOs desportistas apreciam
UM BOM CAFÉ no...**CAFÉ GIL**

AVENIDA OITO * ESPINHO * RUA 19-TEL. 306

CEREAIS - MERCEARIAS
ArmazenistasAZEITES
Armazenistas e Exportadores**Cadinho & Couto**

RUA DEZOITO * ESPINHO * TELEFONE 52

AMINA
BAR - RESTAURANTEDE Ribeiro & Figueiredo, L.^{da}
RUA 19 N.º 200 - ESPINHO

ABERTO TODA A NOITE

ARMAZÉM DE VÍVERES E SABOARIA ATLANTICA

DUARTE & C.^a

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO:

(MERCEARIA PORTO)
Largo dos Aviadores, 104
Telefone 3771-GAIA445, R. Bandeira Coelho, 451
Telefone 16
ESPINHO**CASA SOUSA**

LIVRARIA E PAPELARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

RUA DEZANOVE * TELF. 99 * ESPINHO

F E R R O E A Ç O**A. Trindade, Sue.**

Depositário da

LUSALITE

CAIXA POSTAL 4 • ESPINHO • TELEFONE 39

METALÚRGICA DE ESPINHO

JOSÉ MARTINS ALVES JUNIOR

MONTAGEM E REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS ||| CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO
DE TODAS AS MÁQUINAS

OFICINAS E GARAGEM-RUAS 37 e 22-ESPINHO-TELEFONE 338

Colégio de N.º S.º da Conceição

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

TELEFONE 303 ~ ESPINHO

VINHOS DE PASTO

U.V.A U.V.A U.V.A U.V.A U.V.AFABRICA DE VINAGRE E AGUARDENTE VÍNICA
PORTO + GAIA + RÉGUA + ESPINHO + TORRES VEDRAS**SOUSA & IRMÃO**

RESERVAM ESTE ESPAÇO PARA QUANDO PRECISAREM DE PROPAGANDA

FARINHAS • CEREAIS • MERCEARIAS

Baptista & Oliveiras

APARTADO 5 • TELEFONE 21 • ESPINHO

ELECTRICIDADE • MÁQUINAS

A. VIZEU & C.^a, L.^{da}

RUA 12 N.º 1243 ~ ESPINHO

FÁBRICA DE LOUÇA E TODOS OS ARTIGOS DE ALUMÍNIO

A VIGOROSA

UMA MARCA QUE É UMA GARANTIA

DOMINGOS SOARES PEREIRA

APARTADO 14 ~ ESPINHO

LANIFÍCIOS * GABARDINES * CAMISARIA * CALÇADO

CASA XABREGAS

CARLOS JERÓNIMO FERNANDES PEREIRA

Ruas 18-687 • ESPINHO • Telf. 222

FATOS PRONTOS A VESTIR * FACILIDADES DE PAGAMENTO

SOLCRIS

...É UM ESTORE

A FLOR DE CAFÉ

Uma fábula por NEVES E SOUSA

Uma pequena Flor de Café nasceu num ramo com muitas irmãs vaidosas e presumidas que levavam o dia inteiro a perfumar-se para à noite deitarem um cheiro activo que chegava a ser escândalo em meninas de boa criação.

Quem as guardava era uma vespa de óculos, antipática e esgrouviada, que além de tudo tinha o mau gosto de usar espartilho e uma horrível camisola às riscas pretas e amarelas. Entre outros defeitos tinha sempre o de um zumbir de mau agouro

de café, e achavam-na enfezada. Uma noite, a flor de café conheceu um alegre Besoiro dourado e, depois de muito conversar, ele prometeu que a levaria a passeio uma vez que a senhora vespa estivesse recolhida. Flor de Café com o coração a palpar como se tivesse uma borboleta a voar dentro do seio, pensou — Ele me ama; e logo quis que o tal passeio fosse na primeira noite de lua cheia.

Nessa noite de lua cheia o céu era uma canção e a pequena Flor de Café com as pétalas ten-



quando se aproximava algum desconhecido, de maneira que as pobres irmãs sentiam-se um pouco solitárias.

Aquela pequena flor, a mais triste, tinha porém anseios de distância e não se conformava em passar a vida inteira agarrada àquele tronquinho insignificante. Suas irmãs chamavam-lhe idiota e diziam que ela era tão tola que nem sabia espalhar perfume, grave defeito para uma flor

quando se aproximava algum desconhecido, de maneira que as pobres irmãs sentiam-se um pouco solitárias. Quando se aproximava algum desconhecido, de maneira que as pobres irmãs sentiam-se um pouco solitárias. Quando se aproximava algum desconhecido, de maneira que as pobres irmãs sentiam-se um pouco solitárias.

Continua na pág. 7

UMA ENTREVISTA

Continuado da pág. 5

anexando-lhe alguns terrenos, que para o efeito alugaremos, para dar trabalho aos homens válidos que têm necessidade das refeições da Cantina, produzindo, assim, pelo seu braço, géneros que na mesma Cantina hão-de comer.

5.ª — A Cantina Municipal consegue fornecer refeições a grande percentagem de necessitados. Qual o modo de alargar os seus benefícios de maneira que a quase totalidade dos pobres receba o suficiente?

R. — A Cantina Municipal consegue actualmente fornecer entre 700 e 800 sôpas diárias e, no inverno, 1.200 aproximadamente; pode e deve alargar a sua acção se conseguirmos organizar a O. P. P. E.

6.ª — Além da parte material, solucionável com subsídios e auxílios materiais de outra ordem, há a parte moral do problema dos necessitados. Como encara a

C.M.A. este aspecto do problema?

R. — Quanto a este problema é dos mais difíceis, por não dispormos de meios suficientes para o resolver. No entanto, tanto quanto nos fôr possível, alguma coisa faremos. Posso dizer-lhe já que alguns casos temos entre mãos e para os quais procuramos solução.

7.ª — Não seria preferível que, em vez de muitas instituições houvesse uma só que abrangesse todos os ramos de assistência? Ou haverá mais dificuldade neste modo de se realizar a assistência que no actualmente existente?

R. — Seria realmente obra admirável que a assistência do concelho se concentrasse toda numa só instituição, como se faz em algumas terras do País. Assim, neste concelho, a meu ver, a assistência seria prestada sómente pela Santa Casa da Misericórdia, com edifício próprio e não naquele em que se

Imprecação Bárbara

Muluco!

Que um vento de fogo arraze as selvas e os montes que uma queimada transforme a terra em cinzas que uma chuva grande afogue toda a terra!

Eu quero ser mordido pela cobra e quero ser varado pelo izôzo e quero ser rasgado pelo tigre e quero arder no fogo das queimadas!

Que o carramo coma minha barriga minha mulher, minhas filhas e minha cão! Que o macôco roia as minhas carnes minhas pés, minha nariz, e minhas mãos!

Eu quero comer só ervas e raízes quero comer só ratos e saltões meu capulana só de casca d'árvore e meu dormir nas tocas dos penhascos junto das feras e dos bichos maus!

Mas não quero, Muluco, servir aquele branco que me agrilheta, rouba, bate e esmaga pior que carramo, pior que izôzo, pior que cobra!

Eu quero ser da família da terra, Muluco! — como aquele embondeiro nu que viu nascer toda a selva; como o regato que sai daquela escura montanha e vem cantando nas pedras desde o início da terra; como o chão que viu nascer toda a criação do mundo!

Eu quero ser só da terra, Muluco! Eu sou terra — minha carne é cor da terra!

Branco vê, mas não vê a cor da terra; esmaga, mas não muda a cor da terra; rouba, mas não rouba a cor da terra; chicoteia, mas a cor da terra fica! — Branco não pode tirar a cor da terra!

Porque bate o branco, Muluco? — Seu coração fica mais negro que a cor da nossa terra!

Minhas dores, meus desesperos, minhas lágrimas fazem meu coração mais branco que o coração do branco que me bate!

Muluco! Coração de branco nunca chora

Chora comigo tu, Muluco! — chora pelo coração do branco que me bate!

VOCABULÁRIO:

Muluco, Deus do indígena; Izôzo, Rinoceronte; Carramo, Leão; macôco, Lepra; Capulana, Tanga

FELISBERTO FERREIRINHA

encontra. A Casa dos Pescadores, a comissão que vai ser nomeada para a O. P. P. E., a Câmara Municipal, a Comissão Municipal de Assistência, enfim, todas as receitas que andam por aí espalhadas se concentrariam ali, que, a meu ver, é a instituição mais indicada para resolver este problema. Teria a Misericórdia necessidade de mais pessoal e mais elementos para trabalhar, mas ainda há muita gente boa em Espinho. Para mim, a dificuldade maior está nas entidades superiores que superintendem nas instituições existentes. É preciso

que estas renunciem às suas organizações particulares, para se sujeitarem à organização geral. Isto será possível? Veremos. Sem um esforço da nossa parte não fica, ainda que nada consigamos. Pelo que nos disse o seu Presidente, a C. M. A. vai entrar em intensa actividade que bem necessária se torna num meio onde o número de desprotegidos da sorte é tão elevado. Confiemos no espírito de sacrificio dos seus membros que, se tiverem a compreensão de todos poderão bem sucedidos nos seus esforços.